
UM NÓ NA TRAMA DISCURSIVA: A CONSTITUIÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA FACULDADE DE LETRAS/UFG

KÁTIA MENEZES DE SOUSA*

RESUMO

Este texto se apresenta como uma tentativa de registrar a forma como está se desenvolvendo os trabalhos em Análise do Discurso na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Para isso, resumidamente, situamos a Análise do Discurso, em seu percurso teórico e histórico, desde o surgimento na França, passando por sua entrada no Brasil e alcançando o cenário de sua realização hoje na UFG.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso, percurso histórico, pesquisa na UFG.

[...] O enunciado, ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificação possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade.

Michel Foucault

Um ponto na trama discursiva que constitui a Análise do Discurso no Brasil, derivada de um movimento interdisciplinar liderado por Michel Pêcheux na França no final dos anos de 1960 – é assim que ousamos falar dos trabalhos em Análise do Discurso (doravante AD) que vêm sendo realizados na Universidade Federal de Goiás. A constituição da

* Professora da Universidade Federal de Goiás.
E-mail: km-sousa@uol.com.br

AD na Faculdade de Letras/UFG representa, de fato, apenas um nó na rede dos enunciados em que figura essa disciplina com suas diferentes teorias e metodologias. As pesquisas, aqui, têm buscado apoio teórico, principalmente, nos trabalhos de três pensadores: Michel Pêcheux, tomando os objetos discursivos sob a égide da relação entre a historicidade, a interdiscursividade e a sistematicidade da língua; Michel Foucault, procurando investigar os objetos a partir dos saberes que embasam a cultura ocidental e sua história (fase arqueológica), das articulações entre os saberes e os poderes (fase genealógica) e das técnicas de si como práticas de subjetivação e de constituição histórica de uma ética (fase ética); Mikhail Bakhtin, considerando, na análise dos objetos discursivos, o princípio dialógico da linguagem e o caráter polifônico dos textos, que são exemplares de gêneros discursivos.

Com o propósito de contemplar esses pilares, apresentei um projeto de pesquisa intitulado “Análise de discursos institucionalizados: as marcas de identidade e da interdiscursividade constitutiva” para ser tecido com as investigações realizadas tanto por mim quanto pelos alunos que oriento no curso de Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Lingüística e pelos integrantes do Grupo de Pesquisa em Análise do Discurso, “Trama”, do qual sou uma das coordenadoras.¹ É uma tentativa de alinhar mais uma ponta de linha discursiva nessa rede em que se desenha a AD do Brasil.

Como bem lembra Ferreira (2005), é lugar comum usar a metáfora da rede para falar-se de discurso. Contudo, concordamos com a autora que essa metáfora serve muito bem ao objeto discursivo, pois os fios, como numa rede de pesca, se encontram e se sustentam nos nós, possibilitando o processo de fazer sentido, e nos furos, instaurando a incompletude do dizer para que os espaços sejam preenchidos por novos e outros sentidos. Assim, podemos dizer que o nosso trabalho é nó e falha na rede e, por isso, faz-se necessário um breve histórico do surgimento da AD na França e de sua entrada e rumos no Brasil, para que possamos situar, nesse desenho, os pontos que estão sendo marcados por nós.

Malidier (1997) destaca o início da disciplina como o momento de uma dupla fundação por Jean Dubois e Michel Pêcheux, um lingüista e um filósofo, respectivamente, que fazem emergir a AD no campo francês de pesquisa, segundo o contexto da conjuntura teórico-política do fim da década de 1960. Lingüística e Marxismo sustentaram o nascimento da AD com um projeto que se inscrevia num objetivo político. Dubois propõe a substituição do estudo das palavras (lexicologia) pelo estudo do enunciado (Análise do Discurso). Pêcheux pensa a Análise do Discurso como ruptura epistemológica, cujo objetivo teórico deveria articular a questão do discurso àquelas do sujeito e da ideologia. Desse modo, propõe um primeiro conceito emprestado do marxismo: condições de produção do discurso. Malidier (2003, p. 23) explica que “a referência às condições de produção designava a concepção central do discurso determinado por um ‘exterior’, como se dizia então, para evocar tudo o que, fora a linguagem, faz que um discurso seja o que é: o tecido histórico-social que o constitui”.

A AD francesa passou por incessantes reconstruções e retificações conforme as mudanças políticas e epistemológicas. Pêcheux, conforme Malidier (2003, p. 16), “tentou, até o limite do possível, re-pensar tudo o que o discurso, enquanto conceito ligado a um dispositivo, designava para ele” e seguiu um percurso que vai do tempo das grandes construções ao das tentativas, chegando ao da desconstrução operada até sua morte em 1983.

Nesse percurso, como descreve Gregolin (2003), as propostas da AD derivada de Pêcheux sofreram influência de quatro pensadores: de Althusser com sua releitura de Marx; de Foucault com a noção de formação discursiva, a partir da qual outros conceitos são elaborados, como os de interdiscurso, memória discursiva, práticas discursivas etc.; de Lacan com sua leitura das teses de Freud sobre o inconsciente que o coloca como estruturado pela linguagem; de Bakhtin com seu princípio dialógico da linguagem que serve de base para a tese de que o discurso é constitutivamente heterogêneo.

Sob influência das teses de Althusser acerca da ideologia, a AD francesa insiste em considerar o sujeito como interpelado pela ideologia, como assujeitado, o que, segundo Ferreira (2005), deixa a AD isolada de outras formas de análise de discurso,² gerando certas confusões, mas, ainda segundo a autora (2005, p. 18), “ser assujeitado significa antes de tudo ser alçado à condição de sujeito, capaz de compreender, produzir e interpretar sentidos”. Contudo, a partir de 1978, como atesta Malidier (2003), a noção de dominação da ideologia dominante será interrogada por Pêcheux e o tema da heterogeneidade começa a se esboçar. É a fase das tentativas, que dará início à desconstrução.

Apesar de ter se apropriado de algumas idéias da *Arqueologia do Saber* de Foucault, obra publicada em 1969, as diferenças teóricas e ideológicas farão com que Pêcheux as recuse por algum tempo e critique Foucault, acusando-o de não levar “em consideração a relação entre a linguagem, a ideologia e o inconsciente na figura do simbólico” (GREGOLIN, 2004, p. 146). Em 1980, no texto “O estranho espelho da Análise do Discurso”, prefácio para o artigo de Jean-Jacques Courtine sobre o discurso comunista endereçado aos cristãos, Pêcheux faz sua autocrítica e inscreve o discurso em termos da heterogeneidade e não mais através da contradição marxista ou da interpelação ideológica. Assim, Pêcheux (1981) admite que as ideologias dominadas nascem no mesmo lugar em que a dominação ideológica, sob a forma dessas múltiplas falhas e resistências das quais o estudo discursivo concreto pressupõe aproveitar, ao mesmo tempo, o efeito do real histórico que, dentro do interdiscurso, funciona como causalidade heterogênea e o efeito do real da língua que condiciona a estrutura contraditória da seqüência intradiscursiva.³

A reflexão crítica de Michel Pêcheux, conforme Malidier (2003), produz uma reviravolta nos objetos da AD, com o convite para o abandono do estudo doutrinário ao se preocupar com o burburinho dos discursos ordinários. Em seu último livro, Pêcheux (2002) fala de sua revisão crítica e de como a conjuntura política havia obrigado os olhares a se voltarem para o que se passava nos espaços infraestatais do ordinário das massas.

Ele compartilha a preocupação de tentar “entender esse discurso, a maior parte das vezes silencioso, da urgência às voltas com os mecanismos da sobrevivência; trata-se, para além da leitura dos Grandes Textos [...], de se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido” (PÊCHEUX, 2002, p. 48). Essa desconstrução parece indicar que “Pêcheux encontrou, intelectualmente, Foucault” (MALDIDIER, 2003, p. 95).

Nesse sentido, as idéias desenvolvidas por Foucault acerca da formação dos saberes, da formação discursiva, da relação saber/poder, do acontecimento discursivo etc. ganham força nos debates em AD. Para Foucault (1995), o discurso é um conjunto de enunciados que se apóia em um mesmo sistema de formação. Assim, ele se propõe a analisar a formação discursiva em quatro domínios em que a função enunciativa é exercida (formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos e formação das escolhas estratégicas) para chegar a sua elaboração sobre saber e ciência: “a esse conjunto de elementos, formados de maneira regular por uma prática discursiva e indispensáveis à constituição de uma ciência, [...] pode-se chamar saber” (FOUCAULT, 1995, p. 206).

Outro conceito foucaultiano fundamental para a AD é o de acontecimento discursivo que, segundo o autor (1995, p. 31), requer a seguinte questão em sua descrição: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” Dessa forma, um enunciado é sempre um acontecimento que é único, mas está aberto à repetição, à mudança, à reativação; está ligado a situações que o provocam e a conseqüências por ele desencadeadas, como também a enunciados que o precedem e o seguem. O trabalho do analista, nesse sentido, deve “acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado nos menores traços” (FOUCAULT, 1995, p. 28).

Ainda é preciso destacar o trabalho de Foucault com a relação entre as práticas discursivas e os poderes que as permeiam, com os

mecanismos de controle e de interdição dos discursos que disciplinam a circulação dos sentidos na sociedade, temas desenvolvidos em *A ordem do discurso* de 1971. Para o desenvolvimento desses e de outros temas, o autor (1998, p. 10) parte da constatação de que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”.

A difusão da AD no Brasil nos últimos anos de 1970 se dá, obviamente, por diferentes razões das que a fizeram surgir na França. No Brasil, como relata Ferreira (2005), a AD foi acusada de não dar importância à língua, priorizando exclusivamente o político, o que foi motivo de embates com a Lingüística formalista. A AD esteve, assim, num espaço de resistências e confrontos. Gregolin (2003), ao falar que os trabalhos brasileiros têm aproximações e distanciamentos em relação àqueles produzidos pelo grupo de Pêcheux, lembra que o Brasil tem outra História e, portanto, outra AD, pois quando chegou ao Brasil, já havia superado muitos dos seus conceitos iniciais e já atravessado as suas três fases, o que desencadeou a característica de os trabalhos brasileiros possuírem filiações dos vários momentos da constituição da AD.

A AD no Brasil, a partir dos anos de 1990, passou a ser o centro de um paradoxo interessante, como aponta Gregolin (2003, p. 32): “entre os ‘lingüistas’ que afirmam fazer ‘Análise do Discurso’, acirrou-se a luta pelas demarcações territoriais. Enquanto isso, os ‘lingüistas’ que afirmam não trabalhar com ‘Análise do Discurso’ entendem-na como ‘moda passageira’”. Ferreira (2005) considera que a AD se desvinculou da Lingüística e adquiriu maior força em outras áreas das ciências humanas, e que essa maior circulação pode resultar na banalização de seus conceitos e na redução de seu aparato teórico a método de análise. A autora, ainda, destaca, como fator positivo, a ampliação dos objetos de análise. No início, a análise se dava somente com os discursos políticos; atualmente, há uma diversidade de materiais que são colocados como objetos dos analistas do discurso: do campo verbal ao não-verbal,

os diferentes temas sociais (movimento sem terra, trabalho, imigração), os diferentes tipos de discurso (religioso, jurídico, científico, cotidiano), as questões teóricas (autoria, sujeito do discurso, interdiscurso etc.).

É com esse pano de fundo que alinhavamos o nosso ponto inicial no campo da AD. Em 2003, reunimos um grupo para estudar Análise do Discurso e aprofundar as bases teóricas que lhe deram sustentação e, no mesmo período, iniciei os meus trabalhos de orientação, ensino e pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG. Mais tarde, o grupo foi cadastrado no Diretório do CNPq com a identificação de “Trama: Círculo Goiano de Análise do Discurso”. Hoje, o grupo conta com a participação de professores da Faculdade de Letras/UFG, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicados à Educação/UFG, da Universidade Estadual de Goiás, da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, de alunos da Graduação e da Pós-Graduação.

O grupo de estudos “Trama” tem como objetivo principal a reflexão sobre a atuação e o papel do discurso em sua relação com a história e com a constituição da identidade dos sujeitos que constroem e são construídos pelo discurso. As linhas de pesquisa que orientam seus trabalhos são: A AD a partir de Michel Pêcheux e Michel Foucault; discurso, história e produção de identidades no contexto escolar; discurso, história e discursos institucionalizados. Iniciamos nossos estudos pelas bases da AD francesa com Pêcheux e Althusser e, seguindo o percurso de sua constituição, optamos por um maior aprofundamento das idéias de Foucault. Lemos e discutimos *As palavras e as coisas*, *A arqueologia do saber* e estamos começando um estudo da *Ordem do discurso*. Para um melhor entendimento dessas obras, buscamos, em outros autores, reflexões sobre o trabalho de Foucault e as teses da Nova História. Desde sua implantação, os integrantes do grupo vêm participando de eventos científicos locais, nacionais e internacionais, apresentando as pesquisas já desenvolvidas e em desenvolvimento.

Os trabalhos do grupo integram as ações de nosso projeto de pesquisa, que visa a apresentar resultados a partir das investigações

realizadas pelos orientandos de Pós-Graduação e dos Programas de iniciação científica e licenciatura. De forma resumida, os trabalhos contemplam a investigação de diversos discursos institucionalizados e do cotidiano, bem como dos gêneros discursivos realizados por diferentes textos. Assim, podemos citar estudos em que os discursos da mídia e seus efeitos de sentido são analisados em propagandas, cartas de leitor, notícias, entrevistas, textos de divulgação científica etc.; trabalhos em que o discurso pedagógico é o foco, com análises sobre a heterogeneidade discursiva, autoria e mobilização de gêneros do discurso em redações escolares, sobre a construção de identidade de professores e alunos do curso de Letras e nas aulas de Português e sobre as práticas discursivas de subjetivação na instituição escolar; investigações em que o discurso jurídico é analisado em instâncias que requerem um olhar para interdiscursividade e historicidade.

Acreditamos que, com essas pesquisas envolvendo as teorias da AD, as idéias foucaultianas sobre discurso/poder/sujeito e as teses da Nova História, atamos o nosso ponto na rede discursiva que constitui a AD no Brasil.

A Análise do Discurso foi uma das áreas de composição dos Simpósios Integrados de Letras, realizados em 2005 na UFG, e contou com a apresentação de vários trabalhos de nossos alunos e pesquisadores. Além das sessões de comunicação abertas ao público em geral, foram realizadas mesas temáticas para que os alunos da Faculdade de Letras/UFG apresentassem seus projetos e pesquisas em andamento para professores dessa instituição e convidados de outras instituições. Dessa forma, os professores doutores Maria do Rosário Gregolin (Unesp/Araraquara), Vanice Sargentini (UFSCar), Roberto Baronas (Unemat); Cleudemar Alves Fernandes (UFU), Maria de Lourdes Paniago (UFG/Jataí), Agostinho Pontenciano de Sousa (FL/UFG), Alexandre Ferreira da Costa (FL/UFG), Kátia Menezes de Sousa (FL/UFG) atuaram em palestras e mesas redondas e como debatedores na apresentação dos trabalhos em andamento, deixando uma valiosa contribuição e atestando

que as nossas pesquisas, de fato, participam da construção da história da AD no Brasil.

O resultado deste trabalho conjunto está registrado nesta publicação que temos o prazer de apresentar aos nossos leitores. Assim, segue-se a este artigo o trabalho de Roberto Leiser Baronas, “Notas sobre um tratamento didático ético-emancipatório do português”, que coloca em discussão a formação do profissional de linguagem nos Cursos de Letras, assumindo que é preciso agregar valor ético-emancipatório às atividades de formação de professores, de modo a propiciar condições para, nas palavras do autor, “trabalhar em sala de aula com uma visão de linguagem que fornece artifícios para os alunos aprenderem, na prática escolar, a fazer escolhas ético-emancipatórias entre os discursos que circulam” em nosso contexto social.

Em “Relações entre enunciado e arquivo na construção do discurso político”, Vanice Maria Oliveira Sargentini, com base nos conceitos foucaultianos de função enunciativa e arquivo, traz à luz os discursos políticos ditos “de esquerda” do Partido dos Trabalhadores, produzidos por ocasião da Campanha para Presidência do Partido em 2005, com o intuito de elucidar os seus diferentes efeitos de sentido.

Também se valendo das reflexões de Michel Foucault, Cleudemar Alves Fernandes, em seu artigo “Literatura em Foucault: lugares da Análise do Discurso”, procura articular os conceitos de linguagem e espaço na literatura com a noção de *sentido* da Análise do Discurso preconizada por Michel Pêcheux.

Maria de Fátima Cruvinel em “Literatura e vestibular: discursos cruzados” avalia, sob a ótica foucaultiana, em que medida a literatura exigida no processo seletivo vestibular da UFG cumpre sua função diante do discurso pedagógico, que é marcado por princípios de controle e sujeição.

O artigo seguinte, “Análise de Discurso Crítica, letramento e gênero social”, discute as relações entre discurso, poder e ideologia, evidenciadas nas práticas de letramento escolar. Assim, sob o viés da Análise de Discurso Crítica, da Teoria Social do Letramento e do Gênero Social,

Luzia Rodrigues da Silva busca identificar nos eventos de letramento o papel da linguagem na construção de posições identitárias de enfraquecimento ou de resistência.

“O temor a Deus na escola”, fruto de uma investigação que resultou na tese de doutoramento de Maria de Lourdes Faria dos Santos Paniago, discute, com base em Pêcheux e Foucault, as práticas de subjetivação no contexto escolar de uma cidade do sudoeste goiano.

Josiane dos Santos Lima discute, em “Textos de divulgação científica: uma operação em outra ordem”, o discurso de divulgação científica, salientando seus modos de constituição, formulação e circulação.

Sob o viés da Análise do Discurso de linha francesa, Nirce Aparecida Ferreira Silvério, em “Sujeitos urbanos e florestais na figura barreana Bernardo da Mata”, analisa um poema do livro *O guardador de águas*, de Manoel de Barros. Valendo-se do personagem Bernardo, a autora traz à baila discussões sobre consciente e inconsciente, liberdade e assujeitamento, ideologia e poder na sua interface com a memória e o interdiscurso.

E, por último, fechando a seção Análise do Discurso, temos o trabalho de Rejane de Souza Ferreira – “Divergências e convergências do universo feminino em As horas de Michael Cunningham” – que focaliza o universo feminino nas décadas de 1920, 1950 e final do século XX nas figuras de Virgínia Woolf, Laura Brown e Clarissa Vaughan, protagonistas do romance *As horas* de Michael Cunningham.

A KNOT IN THE DISCOURSIWE WEAVE: THE CONSTITUTION OF DISCOURSES ANALYSIS AT FACULDADE DE LETRAS/UFG

ABSTRACT

This text intends to give visibility to the Discourse Analysis studies developed at Faculdade de Letras of the Universidade Federal de Goiás. For that, we briefly situate Discourse Analysis both theoretically and historically from its emergence in France, through its beginning in Brazil, to the present moment at UFG

KEY WORDS: Discourse analysis, historical path, research at UFG.

NOTAS

1. O grupo de pesquisa “Trama: círculo goiano de Análise do Discurso” é cadastrado no diretório dos grupos de pesquisa no Brasil/CNPq com duas Líderes: Kátia Menezes de Sousa e Maria de Fátima Cruvinel.
2. Pode-se falar, hoje, de duas Análises do Discurso: a AD francesa que privilegia a relação com a História, as instituições e os textos de arquivo e a AD anglo-saxã que privilegia a relação com a Sociologia.
3. Tradução nossa.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, M. C. L. O quadro atual da Análise do Discurso no Brasil. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L. (Org.). *Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz, 2005.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

GREGOLIN, M. R. V. Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos. In: FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. *Teorias lingüísticas: problemáticas contemporâneas*. Uberlândia: Edufu, 2003.

_____. *Foucault e Pêcheux na construção da Análise do Discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

MALDIDIER, D. Elementos para uma história da Análise do Discurso na França. In: ORLANDI, E.P. *Gestos de leitura: da história no discurso*. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

_____. *A inquietação do discurso: (Re) ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, M. L'étrange miroir de l'analyse de discours. *Langages*, n. 62. Paris: Didier Larousse, 1981.

_____. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.

